

RESUMO EXPANDIDO

PSICOLOGIA ESCOLAR E CULTURA DA PAZ NAS ESCOLAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Luís Felipe Braga Vasconcelos¹

Mariana Morais Miccione²

RESUMO

O presente trabalho relata a experiência do projeto de extensão “Cultura da Paz na Escola”, realizado na Escola de Aplicação da UFPA entre março e outubro de 2024. A iniciativa objetivou promover a saúde mental e o bem-estar de alunos do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental, fundamentando-se nos seis princípios da cultura de paz da UNESCO e nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS 4, 5 e 16) da ONU. A metodologia, de caráter participativo e reflexivo, utilizou estratégias como rodas de conversa, dinâmicas de grupo, jogos cooperativos e produções artísticas para estimular o protagonismo infantil, a alfabetização emocional e a resolução pacífica de conflitos. Os resultados apontaram um fortalecimento das relações interpessoais e uma melhora significativa na comunicação entre estudantes e professores, promovendo um clima escolar mais acolhedor e colaborativo. Conclui-se que a Psicologia Escolar desempenha um papel preventivo crucial ao articular a educação para a paz com o desenvolvimento emocional e social, consolidando a escola como um espaço de cuidado, solidariedade e construção de vínculos de pertencimento.

Palavras-chave: Psicologia Escolar; Cultura da Paz; Extensão Universitária; Educação Básica; Direitos Humanos.

INTRODUÇÃO

A escola contemporânea não se limita à transmissão de conteúdos curriculares; antes, constitui-se como um microsistema social onde se desenvolvem subjetividades e se constroem modos de convivência. Segundo Dias, Patias e Abaid (2014), a Psicologia Escolar no Brasil tem buscado superar modelos tradicionais, consolidando-se como um campo que necessita ser constantemente repensado para responder às demandas complexas e dinâmicas do cotidiano educativo. Nesse contexto, o projeto de extensão intitulado “Cultura da Paz na Escola”, desenvolvido na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (EAUFGPA), emergiu como uma resposta estratégica à necessidade premente de promoção da saúde mental, do bem-estar e do sentimento de pertencimento no ambiente escolar. Parte-se da compreensão fundamental de que a educação integral exige a construção de um espaço emocionalmente seguro, no qual as relações interpessoais sejam mediadas pelo diálogo, pela cooperação mútua e pelo profundo respeito à diversidade humana.

De acordo com a Resolução nº 53/243 da Assembleia Geral das Nações Unidas (NAÇÕES UNIDAS, 1999), a Cultura de Paz é definida como um conjunto articulado de

¹ UFPA e graduando em Psicologia/lfb.complementar@gmail.com

² UFPA e Doutora em Teoria e Pesquisa do Comportamento (UFPA)/docente do curso de Psicologia/marianamiccione@ufpa.br

valores, atitudes e comportamentos que não apenas rejeitam a violência, mas buscam prevenir conflitos em sua raiz por meio do diálogo e da negociação. No âmbito educacional, tais princípios são operacionalizados por meio das diretrizes estabelecidas pelo Manifesto 2000 da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que orienta seis eixos fundamentais de ação: respeitar a vida em todas as suas formas; rejeitar categoricamente a violência; exercitar a generosidade; ouvir para compreender o outro; preservar o planeta; e redescobrir a solidariedade como base do tecido social. A atuação da Psicologia Escolar, neste projeto específico, distancia-se deliberadamente de perspectivas individualizantes e patologizantes, alinhando-se às concepções críticas que defendem a inserção do psicólogo como mediador de processos institucionais, promotor de convivência democrática e facilitador do desenvolvimento humano integral. (PATTO, 2004)

Para alcançar esse desenvolvimento integral, adotaram-se alguns dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, propostos pela Organização das Nações Unidas (ONU) na Agenda 2030, que estabelece um plano de ação centrado na dignidade humana e na preservação do planeta. Este plano é operacionalizado por meio dos 17 ODS, que funcionam como metas interdependentes para enfrentar desafios complexos da sociedade contemporânea (NAÇÕES UNIDAS, 2015). No contexto do projeto “Cultura da Paz na Escola”, a articulação com os ODS é estratégica, com destaque para o ODS 4 (Educação de Qualidade), que visa assegurar ambientes de aprendizagem seguros e inclusivos; o ODS 5 (Igualdade de Gênero), focado no combate a todas as formas de discriminação; e o ODS 16 (Paz, Justiça e Instituições Eficazes), que orienta a redução das violências e o fortalecimento do diálogo. Dessa forma, as práticas desenvolvidas na EAUFPA materializam essas diretrizes globais no microcontexto da educação básica, transformando metas internacionais em vivências cotidianas de cidadania e respeito mútuo.

Nesse sentido, a articulação com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) (NAÇÕES UNIDAS, 2015), especialmente o ODS 4 (Educação de Qualidade), o ODS 5 (Igualdade de Gênero) e o ODS 16 (Paz, Justiça e Instituições Eficazes), reforça o compromisso do projeto com a construção de ambientes escolares inclusivos e resilientes. Assim, o presente trabalho objetiva relatar a experiência extensionista realizada na EAUFPA entre os meses de março e outubro de 2024, analisando como práticas educativas voltadas à cultura da paz contribuíram significativamente para a promoção da saúde mental e do bem-estar coletivo.

METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se como um relato de experiência de natureza qualitativa, participativa e interventiva, fundamentado nos princípios da pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011). As ações foram desenvolvidas com turmas do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental I da EAUFPA, cobrindo o período de março a outubro de 2024. É importante ressaltar que a execução deste trabalho deu-se de forma processual: enquanto a etapa inicial de planejamento e diagnóstico institucional foi realizada pela bolsista do projeto, a presente experiência centra-se na segunda fase do cronograma, que compreende a implementação direta das estratégias de intervenção e a posterior sistematização reflexiva dos resultados.

A metodologia de intervenção baseou-se em encontros sistemáticos fundamentados no livro “Paz, como se faz?” (DISKIN, 2021) que sistematizou os seis princípios da cultura de paz da UNESCO em um referencial teórico para ser utilizado nas escolas brasileira. Os encontros se dividiram em três momentos: aulas dialogadas e atividades envolveram rodas de conversa, dinâmicas cooperativas, produções artísticas e vivências de comunicação não violenta. Durante os encontros, utilizou-se a mediação de conflitos situacionais como ferramenta pedagógica para o ensino de habilidades socioemocionais em tempo real. A coleta de dados para este relato ocorreu por meio da observação participante e do registro em diários, permitindo uma análise

que articula a prática extensionista aos referenciais da Psicologia Escolar Crítica (PATTO, 1997; ANDRADA, 2005).

DISCUSSÕES

A trajetória no projeto "Cultura da Paz na Escola" ao longo de 2024 foi marcada por um processo de adaptação constante às contingências do calendário escolar e às necessidades específicas das turmas da EAUFGPA. Minha inserção no projeto, ocorrida em março, deu-se em um cenário de transição de bolsistas, o que exigiu uma estratégia imediata de estabelecimento de vínculo e reconhecimento de campo. Entre os seis temas abordados, destacam-se aqui as mais significativas.

No eixo "Ouvir para Compreender", utilizou-se a dinâmica de Escuta Ativa e Ruídos na Comunicação (Telefone sem Fio). Nela os discentes escutavam uma frase e, em vocalizações baixas, contavam a colega seguinte o que havia ouvido. Após uma cadeia de colegas enfileiradas e repetindo o mesmo processo, tanto o primeiro discente a ouvir a frase quanto o último, verbalizaram em voz alta e compararam-nas para conferir se estavam de acordo. Esta atividade funcionou como um laboratório de relações interpessoais, demonstrando na prática como a distorção da informação pode gerar conflitos. Observou-se que, em turmas inicialmente resistentes, a repetição da dinâmica até o alcance do objetivo comum promoveu a criação de novos vínculos entre alunos previamente afastados.

Paralelamente, no eixo "Preservar o Planeta", aplicou-se a técnica Phillips 66 com as turmas do 4º ao 5º ano. Nessa técnica, as pessoas dividem-se em grupos que discutem; então, discutem um tema e nomeiam um representante que anotará as principais ideias e as apresentarão aos demais em até um minuto. Lá, os estudantes puderam aplicar o conhecimento que acabaram de adquirir a situações reais do dia a dia e assumiram o protagonismo ao debater subtemas como o consumo consciente e a preservação dos recursos naturais. Os debates resultantes foram extremamente positivos, revelando discursos limpos, claros e coerentes, nos quais as crianças se apropriaram do espaço de fala para ensinar seus pares sobre cidadania socioambiental. Com as turmas do 3º ano, optou-se por desenhos para colorir relacionados ao tema.

Um dos pontos mais significativos foi o tema "A Importância da Generosidade", no qual a intervenção buscou desmistificar a ideia de que esse valor se restringe apenas ao compartilhamento de bens materiais. A atividade central, de caráter lúdico e cooperativo, foi a Exploração Lúdica de Valores Éticos (Caça ao Tesouro da Generosidade). Nesta dinâmica, os estudantes se uniram em grupo para buscar "tesouros" simbólicos – pistas que levavam a reflexões sobre atitudes generosas, como a doação de tempo, a escuta de um amigo e o apoio mútuo em tarefas escolares – e não um objeto físico de valor comercial. Um exemplo dessa correspondência era a situação (ex. "sempre que jogo futebol, um colega observa de longe sozinho"), que tinha como ação generosa a resposta ("posso chamá-lo para brincar conosco"). Para guiar a busca, eles tinham seu mapa com situações em que poderiam ser generosos e, então, procuravam o cartão colorido correspondente, pintando o respectivo local no mapa para indicar a correspondência. Esse processo permitiu observar o comportamento das crianças diante de desafios coletivos, valorizando a colaboração em vez da competição. Em vez da competição para ver quem chegaria primeiro, a mediação incentivou que os grupos se ajudassem para decifrar as pistas, reforçando que o tesouro era o fortalecimento dos vínculos e a harmonia do grupo. De acordo com a crítica de Patto (2004) sobre a produção do fracasso e do sucesso escolar, intervenções que valorizam a colaboração em detrimento da meritocracia individualista são fundamentais. Ao premiar a generosidade e o esforço coletivo, a Psicologia Escolar na EAUFGPA atuou na contramão da lógica de exclusão, promovendo um sentimento de pertencimento onde cada aluno se sentiu valorizado por sua contribuição ao grupo.

Um dos desafios cruciais enfrentados na execução do projeto foi a greve nacional, que impôs um hiato de quatro meses e ameaçou a manutenção dos vínculos afetivos e conceituais já estabelecidos com os alunos. Contudo, essa interrupção foi convertida em uma oportunidade metodológica estratégica, especialmente para as turmas de 4º ano, cujo cronograma de temas já havia se adaptado de forma não linear. O retorno às atividades, em agosto de 2024, foi marcado por um movimento deliberado de "retorno às bases", focado na aplicação inédita dos três eixos temáticos basilares (Respeitar a Vida, Rejeitar a Violência e a Redescobrimos a Solidariedade). A superação desse desafio se materializou na atividade de Colcha de Retalhos, onde os discentes foram orientados a desenhar alternativas para a preservação da vida em suas mais variadas formas e então, uni-las todas com fita adesiva em um grande mural de desenhos. Além de estimular a criatividade (desenhos de máquinas antipoluentes, de novas estratégias de descarte de lixo e de melhores hábitos sociais), a atividade também funcionou como um rito de reafirmação do grupo e de restabelecimento dos laços, permitindo que os estudantes expressassem propostas concretas para o convívio. Em última análise, a flexibilidade do cronograma e a constância das práticas lúdicas, mediadas pela Psicologia Escolar, provaram ser a chave para que os valores da cultura de paz fossem internalizados, transcendendo a ordem de apresentação dos temas e consolidando o sentimento de pertencimento na EAUFPA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivenciada na EAUFPA durante o ano de 2024 ratifica o potencial transformador da Psicologia Escolar na promoção de uma cultura de cuidado, alteridade e solidariedade. A continuidade das ações, mesmo diante dos desafios impostos pela greve nacional e pela transição de bolsistas, demonstrou que a sustentabilidade de projetos extensionistas reside na solidez dos vínculos estabelecidos com a comunidade escolar. Os debates ocorridos em sala de aula revelaram que os estudantes não foram meros receptores de informações, mas agentes críticos capazes de problematizar sua própria realidade.

Durante as aulas dialogadas, temas complexos como o bullying, a inclusão de colegas com deficiência e o impacto da ausência parental em seu bem-estar emocional foram abordados e manejados com cuidado pela equipe. Esses momentos de troca evidenciaram que, ao oferecer um espaço de escuta qualificada e segura, a escola possibilita que a criança desenvolva uma postura proativa na resolução de conflitos, trocando a impulsividade pelo diálogo argumentativo. A percepção de que suas vozes possuem peso na construção das regras de convivência fortaleceu visivelmente o sentimento de pertencimento institucional.

Em última análise, o projeto “Cultura da Paz na Escola” reafirma que ações preventivas e contínuas de saúde mental no ambiente educativo são indispensáveis para o desenvolvimento integral. A evolução orgânica dos discentes, que passaram a mediar conflitos entre pares utilizando estratégias de comunicação não violenta sem a necessidade de intervenção adulta constante, é o maior indicador do êxito da proposta. Conclui-se que a educação para a paz, articulada aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, prepara sujeitos mais empáticos, éticos e comprometidos com a coletividade, consolidando o papel da extensão universitária como motor de transformação social e formação acadêmica crítica e humana.

REFERÊNCIAS

ANDRADA, E. G. C. Novos paradigmas na prática do psicólogo escolar. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 196-199, ago. 2005.

DIAS, A. C. G.; PATIAS, N. D.; ABAID, J. L. W. Psicologia Escolar e possibilidades na atuação do psicólogo: Algumas reflexões. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 105-111, jun. 2014.

DISKIN, L.; ROIZMAN, L. G. **Paz, como se faz?:** semeando a cultura de paz nas escolas. 4. ed. São Paulo: Palas Athena; Brasília: UNESCO, 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Resolução nº 53/243:** Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz. Assembleia Geral, 1999. Disponível em: <https://undocs.org/pt/A/RES/53/243>. Acesso em: 20 fev. 2026.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar:** histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

PATTO, M. H. S. (org.). **Introdução à psicologia escolar.** 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

UNESCO. **Manifesto 2000 por uma cultura de paz e não violência.** Paris: UNESCO, 1999.